

**GRUPO
DIVULGAÇÃO**

A Tempestade

Shakespeare

livre adaptação de José Luiz Ribeiro



maio · julho
2006

CENTRO DE ESTUDOS TEATRAIS
GRUPO DIVULGAÇÃO

40 anos de teatro para o povo
apresenta



A
Tempestade

de
William Shakespeare

Forum da Cultura
maio - junho - julho
2006

Shakespeare, apenas Shakespeare

Maria Lúcia Campanha da Rocha Ribeiro

*Life is a tale, told by an idiot
Full of sound and fury
Signifying nothing
William Shakespeare
(1564-1616)*

Verdadeiramente, tudo nos leva a crer, nos tempos de crise, que a vida possa ser mesmo uma história contada por um tolo cheia de sons e fúria, sem nenhum significado... Entretanto é no próprio ofício do gênio shakespeariano que sempre encontraremos energia para desafiar e construir sentidos para qualquer absurdo que a realidade nos reserve.

William Shakespeare é mais que um poeta, um dramaturgo, um homem de teatro, um crítico de seu tempo capaz de sondar os mais escuros porões da alma humana. Ele mergulhou na vida e soube olhar e decifrar o mundo que o rodeava. Esteve presente na construção da passagem para a modernidade e sofreu as perseguições de todo visionário.

Mais do que isto nunca foi um visionário. Foi um trabalhador investido em sua obra. Construiu uma dramaturgia contemporânea em todos os sentidos no compromisso integral com seu tempo: o da passagem medieval para o Renascimento, e por isto mesmo, tem a chave de todas as passagens históricas. Desceu do pedestal que para ele construíram e no qual nunca esteve à vontade, pois escreveu para o povo, não para os reis; e ainda que em seus textos se possa ler a história de seu povo, ali também se inscreve a utopia, o sonho, a

fantasia, como instrumentos fatais contra toda hipocrisia.

O sentido da teatralidade esse espaço ambíguo de verdade e ilusão, de *representação*, alteridade especular que reflete o mundo e os homens que o constroem está em suas peças como se ali tivesse sido criado pela primeira vez. Na trama que tece, o riso é a véspera do trágico, ou seu complemento; o amor é o encontro fatal da delicadeza e da fúria; o sono é o sonho descuidado onde brotam seres fantásticos, alegorias clássicas e fantasmas que lutam desde sempre por debaixo dos olhos atentos da vigília.

Seus "fools" contêm a lucidez dos loucos capazes de enfrentar os desmandos de qualquer autoridade, pois sabem ler, no próprio seio da ambição inerente ao poder, a rota do desmando, a fragilidade da máscara ética, a irresistível vontade de corrupção. Por isso são múltiplos e se travestem em tolos, idiotas, bêbados, coveiros da honra de um povo.

O teatro shakespeariano tem uma estrutura fragmentária como o discurso que nos é contemporâneo. Por isto presta-se à adaptação para veículos com os quais o poeta nem sonhava que pudessem existir. Por isto pede para ser transcrito conforme o espírito de cada época, de cada povo, de cada platéia. Porque a platéia, esta sim, sempre foi sua meta, uma vez que é para ela que escreveu, e a ele dirige até nossos dias lições de humanismo, de relações políticas, de contestação dos preconceitos, de lei e de justiça, honra e humildade, enfim, de ética e honestidade.

Se construiu mitos sobre as armadilhas do amor, centradas na trágica história das lutas familiares em *Romeu e Julieta*, denunciou a trama hipócrita de Iago que venceu a insegurança ciumenta do

mouro Othelo na peça que leva seu nome. Mas também foi capaz de mostrá-lo gracioso e leve, combustível de um erotismo delicado, presente nas poções mágicas de *Sonho de uma noite de verão*. E por aí vão suas inúmeras faces presentes em tantas obras e poemas criados pelo bardo inglês.

Os viciosos caminhos do poder que impulsiona crimes, traições, corrupção, desonestidade, aparecem em *Macbeth* obra-prima de construção dramática em que bruxas oraculares emitem já no início da peça o percurso da tragédia. Em *Hamlet*, outra obra-prima inesgotável e capaz de sustentar incontáveis leituras com a mesma mistura de realidade e fantástico, sonda os porões da alma e revela o fantasma da dúvida existencial. E neste mesmo percurso, o que dizer de *Júlio César* que presenteia a humanidade com um dos mais brilhantes exemplos de retórica no discurso de Marco Antônio, cuja ironia fere mais que qualquer espada... Em *Rei Lear*, cria mais uma das maiores personagens da dramaturgia de todos os tempos; e talvez ponha o dedo na chaga mais profunda de nossa sociedade atual: a dissolução do amor familiar pela ambição da herança. O velho pai em sua patética demência senil é espoliado pelas filhas vingativas que, quando se vêm com as mãos cheias, o abandonam na mais profunda miséria afetiva, moral e material. As cruentas peças históricas, *Henrique IV*, *Ricardo III*, *Henrique V* e *Henrique VIII* também são brilhantes exposições da visão política de Shakespeare.

Mergulhando na comédia, Shakespeare continua com sua receita de misturar os ingredientes principais de seu projeto de

radiografia da alma humana em suas variadas circunstâncias. Em *O Mercador de Veneza* vemos a astúcia vencer a desonestidade e em *A Megera Domada* presenciamos as cenas hilariantes de uma trama que hoje não poderíamos considerar nem um pouco politicamente correta... *A Tempestade*, ao contrário, por detrás de um enredo cheio de magia, de figuras míticas e personagens ridiculamente deslocados, retomamos a luta originária do homem: o embate entre a cultura e a natureza, o primitivo e o civilizado, o colonizador e o colonizado. E neste impasse nunca solucionado vemos no espelho refletida a imagem da principal questão na qual nos debatemos num mundo que se pretende global, mas onde as castas de países pobres e ricos submetem os povos à mais absoluta selvageria.

Shakespeare foi, enfim, ele mesmo transformado em mito, em cânone da literatura universal. No entanto foi um homem do povo, do teatro, sempre hostilizado pela intelectualidade acadêmica de seu tempo. Sofreu até, postumamente, a negação de sua identidade enquanto autor da própria obra, talvez caindo em sua própria armadilha genial. Impossível aceitar tamanho talento e sensibilidade poética se não fazia parte da elite intelectual, mas, ao contrário escrevia para seu público formado por pessoas de todas as classes, mas sobretudo aqueles que assistiam de pé, por poucas moedas, a suas peças.

Escrevia para seus atores, para a competência de seu elenco, para o pleno aproveitamento do palco elizabetano a mais teatral e interativa forma arquitetônica de todos os tempos. E dele extraiu a cena da existência humana, instigando os homens a solucionarem o grande enigma da vida: *Ser ou não ser, eis a questão*.

Teatro para o povo

Gustavo Burla

No dia 23 de abril de 1616, em Stratford-upon-Avon, pequena cidade no interior da Inglaterra, William Shakespeare comemorava 52 anos... e morria. Dia trágico para a literatura, quando também morreu, em Madrid, Miguel de Cervantes, célebre criador do fidalgo Dom Quixote. Há 390 anos o mundo das letras estava de luto pela perda de dois de seus maiores autores.

Shakespeare e Cervantes souberam lidar com o imaginário do ser humano, abordando questões universais, como sonho, esperança, amor e ódio, atreladas a críticas políticas, por vezes diretas, em outros momentos com invejável delicadeza. Autores de penas venenosas e encantadas, capazes de, quatro séculos depois, embasbacar (e é exatamente este o termo) os leitores de hoje.

Cervantes escrevia para uma classe privilegiada: a dos escassos leitores de um tempo em que erudição era restrição (Brecht não distanciaria tanto assim esse tempo). Shakespeare possuía outro desafio: agradar o povo. Como criticar, divertir e educar, sendo ao mesmo tempo fácil e complexo? Seu texto ganharia vida diante de um público, seus espetáculos, como corajosamente cabe ao teatro, seriam aceitos ou não durante a representação, quando olhos arregalados poderiam dar lugar a tomates voadores.

Num espaço em que, próximo ao palco, pobres esfarrapados acotovelavam-se e, no alto, a nobreza se acomodava, a montagens de William Shakespeare falava a todos. A trama densa do assassinato do

rei Hamlet intrigava pelo mistério, o ódio tomava conta do povo diante das atitudes das filhas de Lear, a torcida emocionava-se com o desfecho do drama de Romeu e Julieta. E ria também.

Rir sempre foi o melhor remédio e o dramaturgo inglês sabia disso, fazia ribombar em risadas o Globe, tanto com as primorosas comédias, que nem por serem cômicas perdiam seu caráter crítico, quanto com os personagens cômicos de suas tragédias. Catarina foi domada entre risos e aplausos, os coveiros divertem-se com a morte enquanto o príncipe Hamlet os ouve comentar a crise que abala o castelo.

Alguns se envolvem com as intrigas políticas, outros aguardam pelas situações cômicas: é assim no palco como é assim na vida. Se num mesmo barco navegavam ricos e pobres, conspiradores e vítimas, numa mesma sala compõem um público diferentes tipos de pessoas, com formações e crenças distintas, capazes de compreender mensagens cada qual sob um ângulo.

Disso é feito o teatro de Shakespeare, disso é feito o teatro popular: falar de modo que todos entendam, agregar sensações e pensamentos aparentemente opostos em uma mesma peça, apresentando ao público, emocionando o público, com a verdade. Por isso Shakespeare é popular até hoje, porque fala as verdades que o povo quer ouvir e, tão importante quanto, as verdades que ele precisa ouvir. A cada cena, com cada personagem, ele fala de um modo, sempre envolvendo seu público e deixando o desejo de continuar a sonhar. Um sonho que é real.

As Conspirações de Shakespeare

Márcia Falabella

Shakespeare, como o grande dramaturgo que foi, tinha consciência de que o conflito era a alma do seu negócio. E, entendendo que *havia mais coisas entre o céu e a terra do que poderia supor a vã filosofia*, celebrava o teatro como o espelho da natureza. Dessa forma, transpunha o mundo todo para o palco, penetrando na alma, na psicologia e na mais crua realidade humana, sem perder a poesia jamais.

Assim, suas peças estão repletas de conspirações de amor e de poder. Iago, Macbeth, Ricardo III, Goneril, Regane, Cláudio... Quantas não foram as personagens shakespearianas que saborearam a possibilidade de trair e usurpar para conquistar algum tipo de poder. Figuras absolutamente dominadas pela ambição, pela cobiça, pela ganância, pela vaidade, pelo capricho, que, em seu desvario, romperam qualquer vínculo com a decência, a honestidade e a integridade que deveriam nortear a conduta humana. A loucura como razão.

Em *A Tempestade*, conspirações pontuam a ação dramática. Antônio, o irmão de Próspero, o tira do trono de Milão e, já na ilha,

ao lado de Sebastião, planeja assassinar Alonso, Rei de Nápoles. E, há ainda, a união de Calibã e Estéfano para eliminar Próspero e dominar a ilha, transformando-a num reino onde poderiam *roubar em linha reta*, sem que nada e ninguém pudesse detê-los. *A traição, como do estilo, está desperta*. Nessas palavras de Ariel, a síntese da cena. Conspirações, um jogo de armações e armadilhas que tecem caprichosamente o desenrolar da trama. Se a grandeza de Shakespeare está em sua capacidade de ler e traduzir para o palco essas mazelas sociais, a partir de crônicas e acontecimentos do dia-a-dia, o dramaturgo inglês teria, hoje, um material imenso a ser explorado num rápido olhar sobre nossa sociedade.

Essa universalidade confere atualidade e frescor à obra de Shakespeare e dialoga com o momento em que vivemos. Somos vítimas das pequenas e grandes conspirações que se tornaram a pedra de toque de políticos que, senhores em suas ilhas da fantasia, embriagados no éter da corrupção, insistem em negar e em não enxergar suas próprias ações, e persistem em sua luta individual e cega pelo poder. Como Calibã aprenderam Deus, mas praticam o Diabo. Não são feitos da matéria de seus sonhos, como coloca Próspero, mas de seus piores pesadelos. Conspirações!

Uma tempestade de signos

José Luiz Ribeiro

Encenar Shakespeare é sempre uma tarefa difícil e gloriosa. Há tempos pude saborear *O Mercador de Veneza*, uma encenação realizada em 1988. Anteriormente pude com o Grupo Gente de Casa, no Rio de Janeiro, dirigir a versão de *A Tempestade*, feita por Augusto Boal. Agora, para comemorar os quarenta anos de existência do Grupo Divulgação, volto ao poeta inglês e suas imagens magníficas.

Num tempo de virtualidade, encenar *A Tempestade* é conviver com fantasmas, falar de magia, poder, desejo de vingança e exercício da generosidade do perdão. Próspero parte para o exílio numa nau apodrecida levando água, pão, roupas e livros. Uma grande metáfora no tempo em que a imprensa leva o conhecimento, através dos livros, a terras distantes.

O choque entre uma ilha selvagem, povoada pela magia da natureza e a cultura livresca de Próspero é o pano de fundo para se traçar um painel de debate sobre a questão da identidade. Próspero detém o conhecimento da cultura milanesa que o faz buscar na magia a recuperação do poder perdido. Com seu bastão mágico e seu livro ele subverte as forças da natureza, domina os espíritos e herda o reino da terrível bruxa Sicorax que oprime através do exercício da magia negra.

Mas o poder em Shakespeare é mote para mostrar a torpeza do ser humano. Próspero, oprimido em sua terra, torna-se opressor no seu exílio. Utiliza a mão de obra de Calibã, o filho da

bruxa, mantém Ariel sob seu comando e traça sua própria rota de vingança. Sua arma é o saber das forças ocultas e seu objetivo é retornar ao poder através da aliança com seu antigo inimigo, Alonso, rei de Nápoles.

Utilizando a estrutura básica de sua dramaturgia, Shakespeare dá início a sua narrativa com uma grande tempestade que nomeia a peça e é o princípio de sua estratégia para conseguir seus intentos de Próspero. Como um príncipe renascentista, ele tenta colonizar a alma de Calibã através da imposição da língua, e faz Ariel dividir os naufragos em bandos pela ilha. Maquiavel está presente na estratégia de enfraquecer o inimigo pelo célebre aforismo *Divide e reinará*s.

Separando o filho do pai, o rei Alonso, Próspero o reeduca através do trabalho braçal imposto ao escravo. Na humilhação do nobre exercendo um trabalho inferior, Fernando é forjado no aço da verdadeira nobreza de caráter. Apagando a identidade do príncipe, como filho de um inimigo, Próspero o adota como filho ao oferecer-lhe sua filha única, Miranda, em casamento.

A convocação de deusas para um rito propiciatório é seguida pela revolta de Calibã unindo-se ao baixo clero. Stefano e Trínculo, bêbados contumazes, têm na bebida seu refúgio. Eles representam a alteridade à nobreza da linhagem de Próspero. Estabelecem uma luta entre a ascensão pela força e o poder pela inteligência. Em sua obra derradeira, Shakespeare deixa um rasgo de generosidade, e tudo termina com a pacificação. O perdão do ofendido, a libertação dos oprimidos e a volta ao poder em Milão asseguram aos personagens um final feliz com os aplausos da indulgência do público.

Testemunhos

“O trabalho do Divulgação o coloca numa posição de destaque dentro do panorama do teatro universitário brasileiro. Isso talvez seja o mais importante dentro da realização do Divulgação. O teatro feito por amor, em que o trabalho árduo substitui as subvenções, tão minimizadas só poderia frutificar através de uma grande consciência (...) Um grupo como este tem muito a oferecer, não só à comunidade como as Brasil, dado à sua vivência integral e sua formulação dentro de um sentimento de pesquisa, que hoje vai se afastando dos palcos brasileiros, no momento em que grupos universitários se restringem a copiar grandes montagens.”

Paschoal Carlos Magno

“Acredito no ator que produz, no ator que age, no ator transformador, num teatro de equipe, de grupo. O Divulgação para mim é uma demonstração de que vale a pena continuar lutando. O trabalho do Grupo me traz alegria e principalmente esperança para continuar essa atividade única, mágica, que é o teatro.”

Luiz Antônio Rocha

“O Grupo Divulgação é dono de uma folha de serviços exemplar em matéria de qualidade de repertório.”

Yan Michalski

“Parabéns, estar nas comemorações dos 40 anos do Divulgação e nos 21 dos Caminhos do Teatro é a prova de que o teatro está mais vivo do que nunca.”

Fred Góes

“O Divulgação me ensinou muito... E não fui o único a ter esta feliz experiência. Um bom tempo passou e eu voltei a essa casa e novamente para aprender. Que os deuses do teatro continuem a olhar por essa casa.”

Germano Baia

“Aqueles que resistem são imprescindíveis, esses fazem da vida uma aventura e é uma ventura constantes mostrando que o teatro é sobretudo uma arte de resistência. (...) Vou fazer uma divulgação do trabalho de vocês como modelo e um caminho.”

Fernando Limoeiro

“Divulgação: modelo de trabalho teatral sério voltado à comunidade, à pesquisa da linguagem teatral e à promoção do ser humano. Parabéns.”

José Eduardo Vendramini

“Minha grande admiração pelo trabalho perfeito, vigoroso, apaixonado, comprometido.”

Fernando Mencareli

40 anos: Uma história a ser contada

Tiago Vitor

Nascer como um Centro de Estudos Teatrais revela de antemão o compromisso do Grupo Divulgação. Muito mais que driblar a censura, o nome nasce do propósito de estudo e pesquisa do teatro e do objetivo de levá-lo a todas as camadas sociais.

O teatro dialoga com o seu tempo e tem o papel fundamental do exercício da cidadania. Como uma lupa cabe a ele o desafio de apresentar ao público, através de um foco mais apurado, as mazelas e arbitrariedades que ultrajam o homem e a sociedade.

Tendo essa consciência o grupo firma um contrato social e político com sua aldeia, optando por manter-se amador e primando sempre pela qualidade, seja na escolha do repertório, que visa o equilíbrio entre texto e público sem deixar-se corromper pelo riso pobre e gratuito; seja na estética do espetáculo, baseada na experimentação, reciclagem de materiais e na proposta de inovação a cada montagem.

Partindo do princípio de produzir seus espetáculos, são formados muito mais que atores. Nos dias de produção, linhas e agulhas se misturam a pregos e martelos; tecidos nobres e retalhos dão vida a figurinos; *papier marché*, sacos de lixo e garrafas descartáveis são transformados em adereços e cenários. No exercício infindo do aprendizado a troca de experiências integra cada pessoa que faz parte do grupo.

Para manter-se em atividade ininterrupta durante tanto tempo muitos obstáculos foram transpostos. Um lenço branco, que a princípio transmite a idéia de paz, foi a arma utilizada pelo ator, em *Diário de um louco*, para denunciar a guerra contra o veto da censura

do voraz AI-5, fruto da ditadura. A luta continua para vencer a censura de hoje, camuflada no cabresto da educação precária e deficiente.

Ter como base ideológica a crença na utopia fez do Divulgação um grupo de vanguarda e resistência. Fiel à sua aldeia ele foi nômade quando não tinha sede própria e alugava espaços para realizar seus espetáculos; mambembe apresentando-se em ruas, praças, circos e galpões de fábrica; erudito em grandes teatros; desbravador, ao lado de Paschoal Carlos Magno, às margens do Rio São Francisco na Barca da Cultura. Dessa aliança social são criados cursos para universitários, adolescentes e para a Terceira Idade, que tendo uma metodologia própria é reconhecido nacionalmente.

Acreditando que “*mede-se a cultura de um povo pelo seu teatro*” (Garcia Lorca), na formação de um público pensante e questionador, o grupo cria o projeto *Escola de Espectador*, que leva crianças e adultos, de Juiz de Fora e cidades vizinhas, ao teatro.

A inquietação de seu diretor, José Luiz Ribeiro, reafirma esse comprometimento e muito do que precisa ser falado chega até o público através de seus textos. Da revolta nasce *Grito Mudo*; com o riso doído *Era sempre 1º de Abril* denunciava o abuso do Governo Collor; da indignação surge *A escada de Jacó* falando do descaso sofrido pelos idosos; do grito preso na garganta ecoavam as canções de *O Príncipe Rufião* que revelava o vil neoliberalismo de FHC, entre outros.

Por acreditar no poder modificador do teatro, o Grupo Divulgação segue seu caminho como um agricultor, que mesmo fatigado pelas intempéries da injustiça, lança ao solo, aparentemente seco e infértil, a semente da esperança de um novo tempo. O aplauso ao final de cada espetáculo faz renascer, no coração de cada um que ali esteve, a certeza de que um dia ela germinará e que novos frutos virão...Nunca foi tão preciso sonhar.

O público fala sobre o Divulgação

Desempenha importantíssimo papel na cultura de Juiz de Fora, com dignidade, competência e amor.

Aluizio Ramos Trinta, professor.

É um grupo muito eficaz e disposto a interar toda a sociedade no mundo da cultura. Seus espetáculos são de muita veracidade e tenacidade.

Kelly Christina Silva Costa, estudante.

Acho enobrecedor a oportunidade que dão a escola pública : a chance de conviver com esta forma de cultura. O grupo é ótimo.

Lizete Aparecida Guedes Neves, coordenadora pedagógica.

Excelente, tanto nos espetáculos infantis, como nos adultos. Divulga de forma brilhante nossa cultura e envaidece nossa cidade.

Denise Guimarães, professora.

O Grupo Divulgação realiza um trabalho primoroso, pois seus textos são inteligentes, ricos e de fácil compreensão. Apresenta um cuidado especial com a parte técnica do seu trabalho.

Walconise F. S. Aquino, estudante.

De tudo que foi plantado na cultura de Juiz de Fora nos últimos 50 anos foi o que de melhor cresceu, lançou raízes, dá fruto e faz pensar.

Ricardo Miranda, jornalista.

Profissionalismo, sensibilidade, referência cultural e estímulo constante à reflexão. São características que bem representam o grupo.

Adriano Medeiros, professor.

Leva ao público um excelente teatro a preços acessíveis.

Daniel Eveling da Silva, Estudante.

É um pioneiro na cidade. Acompanho sua caminhada e me orgulho desse grupo que não se debandou e ficou em Juiz de Fora. Que eles continuem por muitos anos nos brindando com tantas pérolas preciosas.

Aurelice Ciuffl Yazbeck, supervisora.

Como dizia Paulo Freire, “cultura e educação fazem da multidão um povo e do tempo uma história” e o grupo Divulgação cumpre muito bem esse papel cultural e educador, democratizando, através de sua linguagem e de seus projetos, essa arte milenar de teatro.

Rômulo O. de Farias, estudante.

Cada vez que venho assistir às peças fico impressionada com a forma como tristes realidades políticas, econômicas e sociais se tornam alegres comédias.

Giselle Villela Oliveira, professora.

Divulgador de cultura, cidadania e todo o prazer que o teatro proporciona.

Lívia Nascimento Monteiro, Estudante.

Sou novato em Juiz de Fora e conheço o Divulgação há mais de um ano. Apesar de pouco tempo posso dizer que me identifiquei demais com o grupo e com sua proposta de trabalho. Também acho e concordo com o grupo no que diz respeito ao entretenimento aliado à informação, contribuindo para a formação das pessoas. Precisamos disso! Sou fã do grupo, do seu trabalho, da sua história e dos seus integrantes. Parabéns e vida longa a vocês.

Marcelo Wutke Nogueira, Estudante.

Centro de Estudos Teatrais Grupo Divulgação

apresenta

A Tempestade

de William Shakespeare

Livre adaptação de José Luiz Ribeiro

Contra-mestre e Estéfano

Antônio e Calibã

Sebastião

Alonso

Miranda

Próspero

Ariel

Fernando

Gonzala

Trínculo

Juno e Espírito

Ceres e Espírito

Tiago Vitor

Gustavo Burla

José Eduardo Brum

Júlio Andrade

Táscia Souza

José Luiz

Márcia Falabella

Marcus Martins

Fátima Amorim

Breno Fonseca

Bárbara Piva

Rafaela Toldo

Sonotécnica

Iluminotécnica

Cartaz

Figurino

Cenário, trilha sonora,

desenho de luz e

direção

Marcus Leoni

Basileu Rodrigo Tavares

Augusto França

Malu Ribeiro

José Luiz Ribeiro

Apoio: Adelaine Scalco, Andiará Neder, André Pereira, Anita Ladeira, Cássia Borges, Clarice Fernandes, Cristiane Laia, Cristina Braga, Eliana Tavares, Franciane Lúcia, Jacqueline Glauber, Juliana Rodrigues, Luciana Moreira, Mariana Musse, Marise Mendes, Nadja Dulci, Renata Lopes, Vanessa Picchetti e Virgínia Fonseca.

AGRADECIMENTOS:

Reitora da UFJF:
Profª. Maria Margarida Martins Salomão

Funcionários e bolsistas do Forum da Cultura

Aos que, durante esses 40 anos, perceberam que
o teatro é expressão de cidadania e de resistência

Aos profissionais dos meios de comunicação que
acreditam que

"MEDE-SE A CULTURA DE UM POVO PELO SEU TEATRO"

García Lorca